

fessoras formadas em outras salas de aula, condicionadas pelos mesmos determinantes, que geram reações diversas, revelando protesto, descontentamento e até revolta. Conclui-se, ainda, que uma intervenção no processo pode alterar a reprodução sucessiva que acontece na escola, porque as crianças trazem um potencial que não está sendo explorado.

É necessário que se conheça bem a realidade, a fim de se agir criativamente numa práxis dirigida para a transformação da prática pedagógica e, possivelmente, da sociedade. Que seja um agir coletivizado, encontrando o novo nas contradições do cotidiano, constituindo um processo de luta em favor das novas gerações, especialmente das crianças de classes trabalhadoras e da sociedade como um todo.

OLIVEIRA, Zenaide Ferreira Fernandes de. **Apesar de tudo, bem sucedidas...**; um estudo sobre alfabetizadoras de escolas públicas de periferia. Orientadora: Léa Pinheiro Paixão. Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG. 1989. 244p. (Dissertação, Mestrado).

O estudo foi resultado do desejo de conhecer práticas bem sucedidas na alfabetização das crianças pobres das escolas públicas de periferia urbana.

Essas práticas, desenvolvidas a despeito de dificuldades e limitações, conferiam uma melhor qualidade à escola degradada, e esta atividade exercia sobre nós um grande fascínio.

Ora, a prática não tem sentido se desvinculada dos sujeitos que a engendram, e sendo assim, era necessário acreditar que a ação das pessoas tem um sentido e que alfabetizadoras "bem sucedidas" nessas escolas transformariam, de alguma forma, o pré-estabelecido. Mas, era preciso atentar para que a direção do trabalho não se reduzisse a uma longa e estéril listagem de traços ou características do bom professor, similar às listagens dos comportamentos de alunos que produzem objetivos desejados nem tampouco conduzi-lo para uma perspectiva de magistério como

arte, nessa visão seletiva que elimina os "não artistas" contribuindo para distanciar mais a função do magistério de uma atividade profissional.

Era preciso ainda tornar clara a escolha das professoras para o estudo. Por que alfabetizadoras?

A prática das professoras "bem sucedidas" em contextos adversos não seria suficiente para nos permitir uma visão mais definida dos princípios que porventura estariam presentes ou seriam significativos nessas práticas?

Uma incursão teórica sobre o assunto foi decisiva. Ao privilegiar as alfabetizadoras "bem sucedidas" optamos por conhecer uma prática amplamente desafiadora: a alfabetização é fenômeno de natureza complexa, é prática social relevante no cotidiano das pessoas numa sociedade letrada, e significativa como tema de estudo, quando vimos persistir durante décadas o elevado índice de evasão e repetência na 1ª série do 1º Grau.

A partir dessas considerações nos interessamos pela figura da "alfabetizadora que acertava" ou da alfabetizadora "bem sucedida".

Conscientes do risco que poderíamos correr, não somente por causa da subjetividade sobre os dados, como também da validade dos critérios usados para julgamento, fomos, ainda assim, pressupondo essa alfabetizadora e estabelecendo algumas apostas. A revisão teórica sobre alfabetização englobando conceitos e categorias discutidas por educadoras compromissadas com a educação das crianças das camadas populares deram-nos a medida da amplitude das questões a serem analisadas. Além disso, a alfabetizadora tomada por nós como centro de interesse desse estudo, era "bem sucedida junto às crianças pobres "fadadas" ao fracasso escolar, assim, era de se supor que a origem social de seus alunos não estava sendo um obstáculo à sua prática pedagógica. Essa alfabetizadora acertava com as crianças desfavorecidas.

Era uma questão pedagógica?
Ideológica?

Ideológica e pedagógica?

A prática no dia-a-dia da escola ia desvelando questões importantes no cotidiano das alfabetizadoras; o que chamamos de manejo de classe, por exemplo, traduzia-se na prática como luta árdua para manter as crianças sentadas, o lápis apontado, o caderno limpo e sem dobras na ponta, não usando o dedo para limpar o nariz, falando um de cada vez, controlando o impulso de lutar com os colegas e agir verbalmente a todos que os aborrecessem e ainda a vontade contínua de ir ao banheiro, de beber água, fazer ponta no lápis, buscar material emprestado na carteira do outro; são pequenas coisas, mas se todos os quarenta alunos levantam-se à hora que lhes convém, no conjunto da classe, o ambiente fica inadequado para o trabalho. A questão da disciplina, sem caráter antagônico e ambíguo, era vivenciada no interior da escola com muita densidade.

Qual era o significado da disciplina para as alfabetizadoras "bem sucedidas"?

Ainda quando deparávamos com questões aparentemente simples, como a presença do lúdico como característica muito presente nas experiências bem sucedidas de alfabetização, questionávamos:

São capazes do lúdico porque felizes?

Felizes no trabalho e também na vida pessoal?

Ou tornar lúdica uma prática nada tem a ver com o que chamamos de ser ou estar feliz?

Se "eram" ou "estavam" felizes no trabalho, a escola favorecia tal estado?

Aos poucos, os pontos de apoio e referência: quem faz o trabalho e como o trabalho é executado, foram-se tornando cada vez mais insuficientes para analisar toda a riqueza apontada no cotidiano do trabalho.

Quando "apostávamos" que a escola, como local de trabalho, era um referencial importante na vida das professoras, ou quando verificamos "o mal estar" que essas questões provocavam, não havíamos ainda percebido o essen-

cial: o que chamamos de prática pedagógica é para a professora o diálogo denso e concreto com o cotidiano, é o seu trabalho. Conhecer e analisar alguns aspectos desse trabalho era necessário pois, ao entendê-lo melhor, melhor entenderíamos a prática pedagógica das alfabetizadoras "bem sucedidas".

Assim, tornamo-nos sensíveis para vertentes de análise para as quais não estávamos atentas e vimos que o direcionamento de estudos levou-nos a algumas "pistas" de trabalho, que poderiam ser resumidas como:

- o significado da disciplina e da afetividade;

- relações sociais de trabalho com todo o complexo intrincado de definição e redefinição de categoria de classe, relações de poder;

- a superação do senso comum, as descobertas a respeito da sensibilidade e da visão de mundo das crianças pobres, das camadas populares.

Esses foram alguns dos referenciais possíveis, para explicar porque determinadas práticas se revelam mais eficientes na construção de uma perspectiva de atendimento às crianças pobres.

• PAIXÃO, Léa Pinheiro. *Echec scolaire ou Brésil:*

une étude de cas: Le Projet ALPHA dans le Minas Gerais. Orientadora: Viviane Isambert Jamati. Université de Paris V. Sciences Humaines Sorbonne. 1981. 225 p. (Tese, Doutorado).

Nos anos 70 a Secretaria de Educação e Cultura de Minas Gerais, seguindo orientações do MEC, desenvolveu um projeto pedagógico, conhecido como Projeto Alfa, que se propunha diminuir a defasagem idade - série na escola de Primeiro Grau.

O projeto montado partia do pressuposto de que uma das causas das altas taxas de evasão e repetência era o fato de que as professoras "estavam perdidas". Um grupo de especialistas trabalhou, então, junto à Secretaria, organizando um conjunto de medidas e instrumentos pedagógicos que deveria ser aplicado pelas professoras, previa-

mente preparadas. A execução do projeto exigiu o reforço do sistema de supervisão e inspeção.

O conjunto de medidas propostas evidencia, entre outras: introdução de um programa de ensino mínimo, aceleração para o aluno repetente, estimulando à utilização do método fônico para alfabetização, remanejamento dos alunos durante o ano letivo para possibilitar a manutenção de classes mais homogêneas, institucionalização de "classes especiais" para o aluno "com problemas".

O projeto Alfa foi objeto de estudo piloto em 4 escolas (1975) em Belo Horizonte antes de ter sua aplicação generalizada na rede pública estadual (a partir de 1977).

Para conhecer os resultados obtidos com a aplicação do Alfa, objeto desse trabalho, foram observadas 8 escolas localizadas na região de Belo Horizonte e analisados dados estatísticos gerais.

Os resultados finais permitiram concluir que, na verdade, a aplicação das medidas pedagógicas, na forma em que foram, realmente aplicadas, levaram a alimentar uma lógica de expulsão-marginalização-discriminação, no sistema de ensino, das crianças de camadas mais pobres. A expulsão camuflada decorreu principalmente da aceleração dos estudos; a marginalização foi ampliada e legitimada pelo reforço institucional à organização das classes especiais e a discriminação estava associada à utilização de programas de ensino diferenciado.

Tal lógica foi eficiente, por um curto período, para diminuir nas estatísticas oficiais, os índices de evasão e repetência nas séries iniciais do 1º Grau. Não significou avanço para a democratização do ensino.

Observação: parte do conteúdo dessa tese foi publicada: PAIXÃO, Léa Pinheiro, "Discussão Atual sobre as causas do fracasso escolar - o que dizem alguns autores". *AMAE-Educando*. nº 172, ano XVIII, junho, 1985, p. 8-15.

PAIXÃO, Léa Pinheiro. *A Escola dos Carentes: um projeto em Minas*

Gerais. Da Escola Carente à Escola Possível. Miguel González Arroyo (coord.). São Paulo, Loyola, 1986, p. 55-84.

• PIMENTEL, Maria Auxiliadora Mattos. *A Alfabetização: um estudo preliminar ligado à prontidão e à conceituação.* Orientadores: Aroldo Soares de Souza Rodrigues e Anna Edith Bellico da Costa. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1984. 134 p. (Dissertação, Mestrado).

A alfabetização é um problema que tem merecido atenção especial na educação brasileira. A preocupação central deste trabalho consistiu em examinar as variáveis que interferem na aprendizagem da leitura e da escrita, em seus aspectos ligados à prontidão e à conceituação.

O estudo objetivou verificar, através da análise da prontidão e das tarefas de conceituação de Ferreiro, influência do nível socioeconômico e da frequência à pré-escola sobre os aspectos acima mencionados, bem como a possibilidade de ligações entre as habilidades requeridas pela prontidão do nível de conceituação das crianças que iniciam a aprendizagem.

A amostra foi constituída por 209 crianças de uma escola particular, duas escolas públicas, respectivamente de nível socioeconômico médio e baixo, e com frequência ou não à pré-escola, tendo sido submetida ao Teste de Prontidão de Eloah Ribeiro Kunz. Nas tarefas de conceituação, a amostra foi reduzida a 42 sujeitos, perfazendo vinte por cento da população inicial.

Para verificação dos resultados obtidos na primeira etapa do trabalho, utilizou-se o Teste de Diferença de Médias, sendo os resultados da segunda etapa submetidos uma análise qualitativa da produção das crianças.

Os resultados levaram à aceitação das hipóteses formuladas: tanto o nível socioeconômico quanto a frequência à pré-escola favorecem a prontidão e a conceituação: Também se confirmou a hipótese relativa ao repertório de expe-